

Clifford conduziu-se como criança histérica. Chegou a espantar Mrs. Bolton, diante da qual ergueu-se na cama, com o ar sinistro e olhar vazio.

— Que há, Sir Clifford? Que há?

Nenhuma resposta. Mrs. Bolton supôs logo um ataque. Precipitou-se sobre ele, apalpou-lhe o rosto, tomou-lhe o pulso.

— Sente alguma dor? Onde? Diga! Que há?

Nada de resposta.

— Meu Deus, meu Deus! Vou telefonar para Sheffield chamando o doutor Carrington e pedirei ao doutor Lecky que venha também depressa.

Ia saindo, rumo ao telefone, quando ele gritou:

— Não!

Mrs. Bolton entreparou, atônita, a olhar para aquele rosto amarelo e sem expressão, como o de um idiota.

— Prefere que não chame o doutor?

— Sim. Não é caso para tal, respondeu Clifford com voz sepulcral.

— Mas, Sir Clifford, isto não pode ficar assim, comigo aqui só. A culpa recairá sobre mim.

Depois dum silêncio, sua voz cavernosa soou.

— Não se trata de doença. É que minha mulher não volta mais.

Parecia uma estátua falando.

— Não volta mais, repetiu Mrs. Bolton. Madame não volta mais? Não creio nisso. Conte com ela. Voltará sim.

A estátua sentada na cama não se mexeu, apenas apontou para uma carta aberta.

— Leia!

— Mas se é uma carta de Madame, ela não gostará que a leia. Diga o senhor mesmo o que há.

— Leia! repetiu a voz sepulcral.

— Está bem. Obedeço — e Mrs. Bolton leu. Depois: Estou surpreendidíssima da atitude de Madame. Tinha prometido tanto voltar!

A expressão de idiota do rosto de Clifford ia-se agravando. Mrs. Bolton encarou-o com inquietação. Não ignorava o que tinha diante de si: a histeria masculina. Lidara

com muitos soldados vindos da guerra, para desconhecer o que aquilo fosse.

E irritou-se ligeiramente contra Sir Clifford. Todo homem no seu natural bom senso teria percebido que Constança amava outro e não voltaria. E lá no fundo, ele bem sabia disso — mas teimava em não render-se à evidência.

Se houvesse admitido a hipótese, estaria preparado para o transe; e se não houvesse admitido, teria lutado com sua mulher para desviar o golpe; isso seria agir como homem. Mas, não. Sabia e ao mesmo tempo procurava iludir-se. O diabo torcia a cauda diante dele e ele fingia ver o sorriso dos anjos. Estava pagando a situação falsa em que se colocara — e atacado dum acesso de histeria. E isso lhe vem, pensava Mrs. Bolton com certo rancor, de tanto pensar em si mesmo. Vive tão preocupado com o seu "eu" imortal que quando acontece qualquer coisa fica como múmia atrapalhada com suas faixas. Era isso.

— Eu jamais poderia imaginar que Madame procedesse assim! irrompeu, e para isso invocava mentalmente suas passadas dores, de modo que verdadeira torrente de lágrimas brotou dos seus olhos. Aquilo era questão apenas de começar, porque de fato tinha razão para derramar lágrimas sinceras.

Clifford pôs o pensamento na maneira pela qual Constança o traiu e também começou a chorar. Vendo-o assim, Mrs. Bolton enxugou depressa as lágrimas de encomenda e inclinou-se para ele.

— Acalme-se, Sir Clifford! disse com a maior emoção. Acalme-se. Tudo amortece na vida — e essa dor assim pode fazer-lhe mal.

Clifford estremeceu e engoliu um silencioso soluço; e as lágrimas borbotaram ainda mais rápidas dos seus olhos. Mrs. Bolton pousou-lhe a mão no ombro e também deixou cair mais pingos. Clifford estremeceu de novo, numa convulsão, e ela passou-lhe o braço pelo pescoço.

— Vamos, vamos, acalme-se, gemia a enfermeira entre lágrimas.

E atraiu-o a si e enleou-o em seus braços; e ele pousou a cabeça em seus seios, soluçando e sacudindo os largos ombros. Mrs. Bolton alisava-lhe os cabelos louros, dizendo: